

Babilónia n.º 4  
pp. 175 - 180

JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS<sup>1</sup>

SOMBRAS A ARDER EM CRUA LUZ

*6 postais para Petra-Foky Lapine*

### **Outubro**

vem devagar a estas margens  
entra nos meus ouvidos  
como um mel invisível  
percorre as minhas feridas  
uma a uma  
mortas de sombra

estás do outro lado da mesa  
falando, descendo ao coração

caminhas no meu rosto  
aberto ao orvalho dos teus sonhos

---

<sup>1</sup> Escritor, tradutor e ensaísta

*J. M. Vasconcelos*

### **Novembro**

esta tristeza tem outra idade;  
na tua, a vertigem sobe ainda  
perfuma-se de vento

mas existe o teu quarto, o teu pescoço  
a sofreguidão da minha boca furtiva  
que é água turva onde dormes  
por sobre a tua roupa ausente

agora que te encontrei  
a música aflui de novo ao coração  
abre as suas asas de fogo

**Dezembro**

este é um mês para as cidades  
e assim a minha vida passa, passa...

neste idioma de cabelos e quartos de hotel  
vejo a tirania cega da paixão  
o seu lamento ferido  
feliz como um pássaro melodioso  
atravessando os olhos

bebo-te velozmente antes que seja tarde  
mas com a doçura calma de quem desfruta um vinho

colheita tardia esta, meu amor  
os teus mamilos como sangue novo  
nos meus dentes presos da melancolia

*J. M. Vasconcelos*

### **Janeiro**

agora a tua canção sonha no meu sal  
atravessa a luz das mulheres que tive  
como uma faca inocente  
perfumando o rosto

desvendamos às escuras  
o claustro onde sozinha te resguardas  
onde vejo florir as tuas coxas  
como árvores na minha pobreza  
em serenos pátios a caminho do dia

deixo-te enfim respirar  
na tua água branca a floresta do mundo  
e retiro-me para a minha insónia errante

hoje porém acendi de novo o lume  
no meu sangue  
acordei-te  
e a minha chuva fustigou toda a noite  
a tua janela escura

**Fevereiro**

as tuas cores confundem-se com as da terra  
na estranheza de acordares para este mundo  
cheio de sombras

o ocre o castanho a nostalgia  
a eterna perda do outono  
o sofrimento

mas a tua boca é uma hélice vermelha  
um coração de luz um vinho  
de ti mesma

a ele acedo e atravesso como um peixe  
as tuas pernas onde o pão é verde  
e onde escuto o brilho húmido de um rio  
que não conheço

## **Março**

tudo começou aqui  
o silabar do esquecimento  
os dias perdidos no passado  
o teu cabelo cheio das minhas mãos

a minha sede no teu corpo inclinado  
como um copo entornando luz  
nas tormentosas águas que hão-de vir

quando nasceste  
já o vento me impedia de dormir  
já os meus mortos erravam pelos bosques

e agora a redonda primavera  
vem à minha alma tão seca  
acordá-la  
no seu leito de silêncio  
e os meus olhos de pisadas folhas  
são sombras a arder em crua luz